

"De Vuestro Humilde Capellan": a formação do jesuíta criollo Antonio Ruiz de Montoya, S.J.

Gabriele Rodrigues de Moura*

Resumo. O nome de Antonio Ruiz de Montoya está intrinsecamente ligado ao da história das primeiras *reducciones* da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguai (a Província do Guayra), região onde se tornou um “agente civilizador” ou um “sujeito protagonizador”. *Múltiplo* e ao mesmo tempo *único*, Ruiz de Montoya teve uma vida repleta de momentos importantes, que o tornaram um homem bastante arguto. O menino órfão ao adolescente de vida desregrada (que pretendia ser cavaleiro) se tornou um homem apostólico, um jesuíta observador e atento aos acontecimentos que ocorriam a sua volta, sendo o principal organizador das *reducciones* da Província do Guayra. Como missionário da Ordem de Santo Ignacio, em solo *guayreño*, Montoya dedicou-se não apenas a aprender a falar a língua dos *Guaranis* e *Gualachos*, mas lutar em favor do direito destes indígenas como súditos da Coroa Espanhola.

Palavras-chave: Antonio Ruiz de Montoya, *Reducciones*, Indígenas, Escrita jesuítica.

Abstract. Antonio Ruiz de Montoya’s name is internally associated to the first *reducciones* Society of Jesus in the Jesuitical Province of Paraguay (Guayra Province), where he became a civilizer agent or a protagonist. *Multiple* and in the same time *unique*, Ruiz de Montoya lived a lot of important moments, and was a very astute man. The orphan boy and teen with disorderly life and wants to be a knight became an apostolic man, an observer Jesuit and attentive to the facts in his turn. He was the principal organizer of the *reducciones* in Guayra Province. In the quality of missionary of Santo Ignacio’s Order, in *guayreña* earth, Montoya was dedicated in not only learn the *Guarani*’s and *Gualachos*’ language, but fight in favor of the indian’s rights how Spanish Crow’s subordinated.

Keywords: Antonio Ruiz de Montoya, *Reducciones*, Indians, Jesuitical wright.

Antonio Ruiz de Montoya

Antonio Ruiz nasceu, na Ciudad de los Reyes (Lima, Perú), no dia 13 de junho de 1585. Filho natural de Cristóbal Ruiz (espanhol de Sevilha) e de Ana Vargas (limenha). Aos cinco anos, Antonio ficou órfão de mãe, sendo educado pelo pai, que pretendia levá-lo para a Espanha, onde seria educado de maneira cristã. Porém, isto não foi possível porque adoeceu, fazendo com que o pai desistisse da viagem e voltasse com ele para Lima. Perdendo o pai, aos oito anos, teve que resolver por si próprio os rumos

* Este artigo é resultado das pesquisas feitas pela autora no âmbito do projeto “Jesuítas nas Américas”, que conta com a bolsa de pesquisa CAPES/PROSUP, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues. E-mail para contato: gabibirmoura@gmail.com.

de sua vida. Foi nesta etapa da sua vida que foi entregue aos cuidados de tutores (JARQUE I, 1900, pp. 54-55). Estes respeitaram um único desejo de seu pai: matriculá-lo no Real Colegio San Martín, fundado pelos jesuítas na cidade.

Na juventude, passou a viver de maneira turbulenta, abandonando os estudos e seguindo o caminho de uma vida licenciosa, desperdiçando a herança que havia recebido (JARQUE I, 1900, pp. 61-65). Entre seus 16 e 19 anos, por vezes, deparou-se com situações que o colocaram em perigo de perder a vida (AGUILAR, 2002, p. 147). Tais fatos tiveram como consequência as ameaças de prisão e o perigo de desterro. Esta vida desregrada, salvo as necessárias diferenças, lembra a vida de Ignacio de Loyola, antes de sua conversão (JARQUE I, 1900, p. 83). Assim, pretendendo abandonar sua vida desregrada de um quase vagabundo, dirigiu-se ao Vice Rei do Peru, solicitando permissão para seguir ao Chile, por dois anos, com o objetivo de lutar contra os araucanos; um grupo considerado indomável. Quando estava a ponto de partir, teve um sonho estranho que o fez desistir desta empresa. Na segunda tentativa de abandonar a cidade de Lima e, conseqüentemente, a vida complicada que levava, decidiu ir para o Panamá (ROUILLON ARRÓSPIDE, 2001, p. 14).

Acreditamos que a sua formação em uma escola jesuíta, e as vicissitudes da orfandade, ajudem-nos a entender os motivos que o levaram a querer ardentemente se confessar antes da viagem ao Panamá e a revolta que apresentou diante da negativa dada pelo confessor que ele havia procurado para receber a absolvição. Não se dando por vencido, Ruiz de Montoya foi, durante a noite, ao Colegio Máximo de San Pablo de la Compañía em busca de outro confessor (ROUILLON ARRÓSPIDE, 2001, p. 14). Após receber, do Pe. Juan Domínguez, a absolvição que tanto procurava, acabou conhecendo o Pe. Gonzalo Suárez. A convivência e amizade com Suárez fizeram com que Montoya decidisse retomar os estudos, no ano de 1605. Segundo afirma Rabuske a respeito de Ruiz de Montoya, foi “a sua hora de conversão [...] através do retiro inaciano, dito ‘exercícios espirituais’, que dele fez de um Saulo um Paulo” (RABUSKE, 1985, p. 47). Assim, a sua conversão e a sua decisão de seguir a vida religiosa fizeram com que, primeiramente, tivesse a ideia de ingressar na Ordem dos Frades Menores (franciscanos), para depois decidir fazer os *Exercícios Espirituais* e optar pela Companhia de Jesus (JARQUE I, 1900, p. 133). Outra coisa que cabe salientarmos é o espírito aventureiro de Antonio Ruiz de Montoya. Sem dúvida, graças à mística inaciana, característica da vida de Ignácio de Loyola, Montoya viu na Companhia de

Jesus a possibilidade de se tornar “*cavaleiro*”, não mais do mundo, mas de Cristo. Porém, com o propósito da salvação de almas gentílicas.

Ao recomeçar os seus estudos em gramática e retórica, foi aconselhado pelo seu diretor espiritual (Gonzalo Suárez) a seguir o currículo dos colégios da Companhia de Jesus. Seguindo este conselho entrou para a Ordem de Santo Ignacio, fazendo os *Exercícios Espirituais*, entre os dias 20 a 28 de maio de 1605, no Colegio Mayor de San Pablo. Ao terminar os seus estudos, ali mesmo foi admitido para o noviciado (ROUILLON ARRÓSPIDE, 1997, p. 29; TORMO SANZ e ROMÁN BLANCO, 1989, p. 75). Assim, em 21 de novembro de 1606, após ter passado por uma profunda conversão, voltou ao Real Colegio de San Martín e iniciou os estudos superiores em Letras Clássicas, Humanidades (Literatura) e Retórica (modo de propor e meios de expressão).

Do Real Colegio de San Martín, seguiria com a expedição de Diego de Torres Bollo em direção ao Chile. Pois, o desejo e a ansiedade de se dedicar à conversão dos índios, tornou possível que Montoya substituísse Gabriel Melgar, um noviço doente, no grupo de jesuítas que Diego estava levando às missões (AGUILAR, 2002, p. 128). Para empreitada decidiu refazer os *Exercícios Espirituais* durante a viagem ao Chile. Acompanhou os seus companheiros para Santiago, onde permaneceram alguns dias. Prosseguiram para Córdoba de Tucumán, onde receberam orientação do padre Juan de Viana. Seria em Córdoba que Ruiz de Montoya daria prosseguimento aos estudos em Letras Clássicas e Humanidades (JARQUE I, 1900, pp. 163-164). Terminando os estudos, foi ordenado junto a outros três estudantes, em 02 de março de 1611, na cidade de Santiago del Estero, por decisão do padre Diego de Torres. Com este mesmo padre foi, ainda naquele ano, à Assumpción. Enquanto esperava para entrar nas *reducciones* do Guayra e juntar-se aos padres José Cataldini e Simon Mascetta, Montoya se dedicou ao estudo da língua Guarani, obtendo um grande aperfeiçoamento (RABUSKE, 1985, pp. 47-48).

No ano seguinte, chegou à região do Guayra, onde já haviam sido fundadas as *reducciones* de Nuestra Señora de Loreto del Pirapó e San Ignacio Miní (RUIZ DE MONTOYA, 1639, f. 7v [§ VII]). A partir de sua chegada, Montoya passou a auxiliar os seus companheiros nos cuidados espirituais dos *guayreños* e dos indígenas catequizados. Durante os anos de 1615 até 1622, Ruiz de Montoya se dedicou à construção da igreja da *reducción* de Nuestra Señora de Loreto. Ao mesmo tempo,

seguindo o exemplo dos primeiros jesuítas na Província Paraguaiá, realizava missões volantes, como meio mais eficaz de entrar em contato com os caciques da região (AGUILAR, 2002, p. 155; JAEGER, 1957, p. 107; FURLONG, 1962, p. 104).

Foi através desta estratégia de contato com diferentes caciques, muitos deles em contraste entre si, que Montoya conseguiu reunir diferentes grupos de indígenas, dando-lhe a possibilidade de observar as distinções existentes entre cada grupo contatado. Servindo-se da sua natural origem *criolla*, aliada a sua perspicaz capacidade de observação, Montoya, captou até mesmo os traços culturais mais sutis dos grupos que contatava. Desta forma, conseguiu relatar nos seus escritos, de maneira minuciosa, não apenas os hábitos, mas também as formas de estabelecimento das relações sociais indígenas. E, justamente pela abundância de detalhes captados, estes escritos representam um verdadeiro guia para a compreensão das diferenças entre os grupos indígenas e, sobretudo, para o modo como o missionário jesuítas poderia e deveria se aproximar deles.

Isso o ajudou a ampliar os confins da “*Civitas Dei*”, cristianizando e “humanizando” os indígenas (GASBARRO, 2006, p. 76). De consequência, junto aos padres Simón Mascetta, José Cataldini e Cristóbal de Mendoza, entre outros, Montoya tornou-se protagonista nos *tempos heróicos* (GÁLVEZ, 1995, p. 105) das missões feitas pelos jesuítas da Província do Paraguay. Todo este conhecimento fez com que Ruiz de Montoya tivesse as condições humanas e pastorais para ser o principal responsável, entre os anos de 1622 até 1628, pelo impulso fundacional de novas *reducciones* (RABUSKE, 1985, p. 47), tais como: San Javier; San José; Encarnación; San Miguel; San Pablo; San Antonio; Concepción de Nuestra Señora de los Gualachos ou Concepción de Nuestra Señora de los Guañanas; San Pedro; Los Angeles de Tayaoba, Arcangeles ou Siete Arcangeles; Santo Tomás Apóstol ou Tomé; e, Jesús Maria (MAEDER e GUTIÉRREZ, 2009, p. 21)¹.

Entre os anos de 1628 e 1631, ocorreram os ataques às reduções do Guayra. As bandeiras dos paulistas, chefiadas por Antônio Raposo Tavares e Manuel Preto, destruíram as *reducciones* quase que completamente (escapram apenas a de Loreto e de

¹ Ernesto Maeder e Ramón Gutiérrez poem em dúvida a localização e até a existência de algumas reduções. Segundo eles, “de ubicación y existencia incierta fueron las de San Pedro y de Concepción de Gualachos. También corresponden a esa área la ermita de Nuestra Señora de Copacabana y el Tambo de las minas de hierro” (MAEDER e GUTIÉRREZ, 2009, p. 21). Mas conforme Guillermo Furlong, “en la fundación de todas estas Reducciones intervino o como misionero o como superior de las misiones del Guayra, el Padre Antonio Rufz de Montoya, pero todas ellas fueron perseguidas y deshechas, en gran parte, por el sanguinario proceder de los paulistas” (FURLONG, 1962, p. 107).

San Ignacio) e aprisionaram um grande número de indígenas para o trabalho escravo nos engenhos de cana de açúcar. O envolvimento das autoridades coloniais, tanto *espanholas* quanto *portuguesas*, fez com que os jesuítas ficassem abandonados junto aos *seus* índios, diante da violência dos paulistas. A junta de caciques organizada por Montoya concluiu que a luta armada ou a resistência às invasões era praticamente inútil, uma vez que os paulistas tinham superioridade bélica com o uso dos arcabuzes sobre o “exército” indígena, armado apenas com arcos e flechas (RABUSKE, 1985, p. 48). A solução foi abandonar o Guayra, escapando dos bandeirantes. Montoya organizou então um plano de fuga, reunindo cerca de 12 mil indígenas. A transmigração ocorreu em 1631, pelo rio Paranapanema, descendo o rio Paraná até às Sete Quedas. Como tática diversiva, Montoya sugeriu, nas proximidades das cataratas, lançar as balsas ou canoas rio abaixo, com o intuito de enganar os bandeirantes. Isto fez com que o “povo Israelico” (RUIZ DE MONTOYA, 1639, f. 49 [§ XXXVIII]) seguisse o resto do trajeto a pé até o Uruguay (entre os rios Paraná e Uruguay), onde já existiam *reducciones* estabelecidas (RUIZ DE MONTOYA, 1639, f. 49 [§ XXXVIII]).

Do grupo que fugiu junto aos jesuítas restou o número de 4 mil índios, que ajudaram a fundar as novas *reducciones* de Nuestra Señora de Loreto e San Ignacio del Yabebirí. Neste período de crise, os jesuítas acabaram assumindo um papel de liderança junto aos caciques, ao demonstrarem segurança e firmeza diante das situações de fome e epidemias, que ocorreram após a transmigração (GADELHA, 1985, pp. 127-128; ROCHA POMBO, 1960, p. 81). Nos anos seguintes, estas duas *reducciones*, e as outras que foram criadas posteriormente, se consolidaram. Quanto às já existentes e às que estavam sendo fundadas nas regiões do Tape e Itatines², estas tornaram-se alvo de novas investidas dos bandeirantes.

² Nesse ponto podem ser incluídas as *reducciones* do Paraná e Uruguai, as da região do Tape e as do Itatines, a partir das considerações de Ernesto Maeder e Ramón Guitiérrez: “En el Paraná y Uruguay occidental se fundaron los siguientes pueblos: San Ignacio del Paraná o Guazú (1610), Encarnación de Itapúa (1615), Concepción de Nuestra Señora (1620), Corpus Chrsti (1622), Nuestra Señora de los Reyes de Yapeyú (1626) y San Francisco Javier (1629). En los afluentes del alto Paraná se ubicaron Nuestra Señora de la Natividad del Acaray (1624) y Santa María la Mayor del Iguazú (1626). [...] Las reducciones formadas al este del río Uruguay, fueron San Nicolás del Piratini (1626), Nuestra Señora de la Candelaria de Caazapamini (1627), Mártires del Caaró (1628), San Carlos del Caapí (1631), Apóstoles Pedro y Pablo, en Aricá (ex Natividad) (1632), Santo Tomé de Ibití (1632) y Nuestra Señora del Acaraguá o del Mbororé. De ubicación incierta resulta San Francisco Javier del Tabitiú, un sitio anterior del San Javier de 1629. Poco después, en camino a las serranías del Tape, se agregaron San Miguel (1632), San José (1633), Santa Ana del Igaí (1633), Jesús Maria del Ibiticaray (1633), San Joaquín (1633) y Santa Teresa del Curití (1633). Las últimas fundaciones fueron San Cristóbal (1634) y Santo Cosme y Damián de Ibitimirí (1634). Incierta es la ubicación de la misión de Nuestra Señora de la Visitación. En la región del Itatín, las misiones sufrieron traslados, concentraciones y divisiones sucesivas. De los cuatro poblados

Neste período, mais especificamente em 1636, Ruiz de Montoya foi nomeado Superior de todas as *Reducciones*. Logo tratou de iniciar a visitas de cada uma delas. Havia a concreta ameaça de um iminente ataque por parte dos bandeirantes. Todavia, os jesuítas só tomaram uma atitude mais drástica contra tais ameaças, após a invasão e a destruição das *reducciones* do Tape, entre os anos de 1637 e 1638. Novamente, Montoya assumiu a organização da fuga dos indígenas para a região do Paraná e Uruguay, indo contra as ordens do Provincial Diego de Boroa, que não concordava com o abandono da região. Uma vez mais, as autoridades coloniais nada fizeram para deter ou punir os bandeirantes. Tentando resolver o problema definitivamente, os jesuítas organizaram a Sexta Congregação Provincial, na qual foi decidido que Antonio Ruiz de Montoya e Francisco Díaz Taño seriam enviados para Madrid e Roma, respectivamente, para denunciarem os crimes cometidos pelos bandeirantes e a conivência das autoridades coloniais. Além disto, estavam autorizados a proporem o armamento indígena e a solicitarem o envio de novos missionários (ROUILLON ARRÓSPIDE, 1997, pp. 279-280; FURLONG, 1962, p. 125; RABUSKE, 1985, p. 48).

Ruiz de Montoya, da parte sua, prosseguia em Madrid, acompanhando o processo movido contra os bandeirantes e promovia a necessidade da defesa armada dos índios. O armamento chegou às mãos indígenas, antes da resolução final do Conselho das Índias, pois em 1639 e 1640, o governador de Buenos Aires, Don Pedro de Lugo y Navarra, concedeu armas aos índios para que estes defendessem as *reducciones* do Paraná e Uruguay, nas batalhas de Caazapaguazú (1639) e M'bororé (1641)³. Durante esta sua estadia na Corte, enquanto esperava as resoluções do Conselho das Índias, Montoya escreveu uma breve história dos acontecimentos dos quais ele próprio tinha

iniciales, Ángeles de Tacuaty, San José de Ycaray, San Benito de Yray y Natividad de Nuestra Señora de Taragüí (1632), se formó uno en Yatebó (1634), para después, entre 1635 y 1647 dividirse en dos: Nuestra Señora de Fe y San Ignacio de Caaguazú” (MAEDER e GUTIÉRREZ, 2009, p. 21).

³ As Batalhas de Caazapaguazú e M'bororé foram muito importantes para o fim do ciclo de apresamento indígena por parte dos bandeirantes. Porque têm relevância pelo empenho das lideranças indígenas e dos jesuítas na defesa de suas *reducciones*. Segundo Kern, dentre os jesuítas, podemos colocar como um dos principais articuladores “o Irmão Domingos de Torres, que participou como ‘assistente técnico-militar’ na orientação do ainda emergente exército guarani, nos importantes combates de Caaçapaguaçu e M'bororé (1639 e 1641), o responsável pela orientação e organização da milícia das Reduções no momento mais importante da história do conflito entre jesuítas e bandeirantes. Militar de carreira, tornou-se membro da Companhia e terminou sendo o ‘mestre dos índios no manejo das armas de fogo’. Foi ele que feriu com um tiro na coxa o chefe paulista da Bandeira de Caaçapá-guaçu” (KERN, 1982, p. 188). Foi nessa mesma batalha de Caazapaguazú que o padre Diego de Alfaro morreu com um tiro no pescoço. Como essas batalhas não são o tema da presente pesquisa, consideramos oportuno indicar os estudos feitos por: TORMO SANZ e ROMÁN BLANCO, 1989, pp. 220-225; KERN, 1982, pp. 149-207; AGUILAR, 2002, pp. 287-351; dentre outros. O assunto também é tratado na documentação jesuítica: MCA III, 1969, pp. 303-314, 329-334, 345-368).

testemunhado, ou que soube através do relato de outros seus companheiros, sob o título de *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Iesus, en las Prouincias del Paraguay, Parana, Vruaguay y Tape* (1639). Neste mesmo período, teve a oportunidade de imprimir três livros dedicados à linguística indígena, intitulados: *Tesoro de la lengva gvarani* (1639), *Arte, y vocabulario de la lengva gvarani* (1640) e *Catecismo de la lengva gvarani* (1640).

De volta ao Vice-Reinado do Peru (1643), com as Cédulas Reais de aprovação do armamento indígena e auxílio do ex-governador do Paraguay D. Pedro de Lugo y Navarra, Montoya conseguiu rapidamente que o Vice-rei a promulgasse (FURLONG, 1962, p. 126). Ainda em Lima, Montoya envolveu-se na defesa da Companhia de Jesus diante das acusações de heresia feitas pelo bispo de Assumpción, D. Fr. Bernardino de Cárdenas, questão esta que se prolongou pelos seus seis últimos anos de vida (AGUILAR, 2002, pp. 167-169). Na sua estadia em Lima, o missionário dedicou parte de seu tempo aos cuidados espirituais dos escravos negros, sem deixar também de continuar a ensinar a língua Guarani na universidade S. Martín, dar orientação espiritual, e, escrever.

Antes de sua morte, em 1652, ainda escreveria o manuscrito *Sílex de el el Diviino Amor y Rapto activo de el Aníma, en la Memoria, Entendímiento y Voluntad quese emprende el Diviino fuego mediante vn acto de Fé* (1991 [c.1650]). É neste livro que Montoya mencionaria os ensinamentos místicos que recebeu do índio Ignacio Piraycí (MELIÀ LITTERES, 2010, p.72). Tais ensinamentos eram voltados ao jovem jesuíta Francisco del Castillo toda a sua experiência contemplativa, suas renúncias e dedicação ao apostolado de missionário. Deixou ainda um livro em forma de manuscrito: *Apología en defensa de la doctrina cristiana* (2008 [c.1651]).

Ao longo de sua vida, escreveu muito e narrou detalhadamente os acontecimentos vivenciados por ele, pelos seus irmãos em Cristo e pelos seus “filhos” indígenas, na Província do Guayra, através da sua visão e percepção de mundo. Em suas narrativas representava não apenas a si mesmo, mas aos outros, principalmente, os grandes personagens da sua “reconquista espiritual”: índios, bandeirantes e jesuítas.

Ampliou os confins da “Cidade de Deus”, até uma das regiões mais isoladas da Província Jesuítica do Paraguay (o Guayra), mostrando que esta *Civitas Dei* era aberta a todas as gentes, principalmente, as que apresentavam “não poucos problemas teológicos para o trabalho de evangelização” (GASBARRO, 2006, p. 79). Como no livro de Santo

Agostinho, a Cidade de Deus se opõe a do demônio e seus anjos. Em outras palavras, os verdadeiros cristãos (jesuítas e indígenas catequizados) combateram os emissários do demônio (os pajés) e os seus agentes, os mouros (os bandeirantes)⁴.

O universo montoyano: os livros de Antonio Ruiz de Montoya

Antonio Ruiz de Montoya, entre os anos de 1611 até 1652, escreveu cerca de 90 documentos, entre cartas anuais, *relaciones*, *memoriales* e livros. Neste contexto de uma grande produção literária, podemos perceber as mudanças de narrativa, de pensamento, o crescimento espiritual e intelectual que Montoya passou ao longo dos anos. O jovem que entrou para a Companhia de Jesus se transformou em um homem imbuído pelo pensamento e espírito da Ordem de Santo Ignacio.

Como personagem de sua própria história, interiorizou e transmitiu as riquezas de uma cultura que começou a considerar, praticamente, como sua. Os índios faziam parte da *sua pátria* e foram eles que o ensinaram a enfrentar os perigos de vida com uma verdadeira caridade apostólica. Ao lado de Cristóbal de Mendoza, Simón Mascetta, José Cataldini e Francisco Díaz Taño, confrontou as contrariedades do processo reducional na Província Jesuítica do Paraguai. Junto com eles, foi evangelizador, desbravador de terras que antes não haviam sido conquistadas na imensa província.

Conseguiu estabelecer uma complementação entre o jovem de espírito aventureiro com o de um homem místico. Os princípios irreversíveis de sua

⁴ A palavra missão, nas cartas do Superior Geral Claudio Acquaviva (1581-1615), sempre é empregada no plural por estar estabelecida em várias partes do mundo e ser diversa. Pois, tanto as missões *ad extra* Europa quanto *ad intra* estão englobadas sob a mesma espiritualidade, A missão seria uma luta travada pelo amor de Cristo, sendo destinadas àqueles que possuíssem um fervor particular e um grande zelo (DE ANGELIS, 1635, pp. 266-283 [§ 4]). “Essa dimensão de combate revela uma forma de inquietação; o apelo à missão repousa sobre a constatação de uma situação religiosa muito grave frente à qual os jesuítas não podem permanecer inativos. Na carta [*De fervore & zelo miffionum, escrita por Acquaviva*] sobre o zelo, a descrição de um mundo desnaturado pelo Mal no qual só há pecados, trevas, fogueiras das vaidades, tem um valor universal, e todo jesuíta, onde quer que esteja, deve se sentir chamado e ser tomado de um ‘fervor’ e de um ‘zelo’ para as missões. Esse mundo do Mal lembra tanto as descrições heréticas da velha Europa quanto as dos pagãos e dos colonos desnaturados do Novo Mundo. A missão parece assim como um combate contra as forças do Mal, cuja origem não é evocada, como se o mais importante fosse não obter uma vitória, mas travar o combate” (CASTELNAU-L’ESTOILE, 2006, p.307). Prossegue a autora afirmando que dentro da “visão binária do mundo que têm os jesuítas, na qual os ‘nossos’ se opõem aos ‘outros’, há a partir de então a ideia de que os ‘outros’ podem pôr os ‘nossos’ em perigo” (Op.cit., pp.309-310). No caso específico a autora está se referindo a questão de perigo da salvação das almas dos jesuítas, devido às várias acusações, que alguns que viviam dentro das aldeias no Brasil, acabaram sofrendo durante o século XVI e início do XVII. Contudo, o perigo na América espanhola, na primeira metade do século XVII, o perigo que viria dos “outros” estaria mais relacionado à questão de morte, ou pelas mãos de indígenas ou pelos bandeirantes, como aconteceu nos casos de Roque González de Santa Cruz, Juan del Castillo, Alonso Rodríguez, Cristóbal de Mendoza, Diego de Alfaro, Pedro Romero, entre outros.

personalidade *criolla*, encontrou nos exemplos de Ignacio de Loyola e Francisco Javier, as expressões necessárias de como viver de modo *heroico* e como exercer as suas virtudes teológicas. Aprendeu também com os seus companheiros de missão os métodos de evangelização dos índios. Os jesuítas que missionavam no Guayra, deixaram de ser apenas seus *hermanos en Christo*, eles foram os *heróis* da *Conquista Espiritual*. Os indígenas foram seus professores de linguística nativa.

Sua escrita transparece esse aprendizado, seus livros dialogam através das interligações existentes entre si. Os livros transpõem essas barreiras de tempo e espaço, eles se complementam e se completam formando partes de um mesmo movimento de defesa de uma causa, tanto indígena quanto missionária. A escritura *montoyana* apresenta quatro formas: relato/descrição (*Cartas, Relaciones e Memoriales*), narrativa (*Conquista*), teologia mística (*Sílex*) e a linguística catequético-apologética (*Tesoro; Arte y Bocabulario; Catecismo; e, Apología*).

Nas cartas, *relaciones* e *memoriales* descreveu a *conquista* da alma dos indígenas, os feitos *heroicos* da Companhia de Jesus não somente em solo *guayreño*, mas, também nas margens dos rios Uruguay e Paraná. Tratou dos assuntos que seus companheiros vivenciaram na formação das *reducciones* nas serras do Tape e na Paraguay e o horror vivido com as invasões dos bandeirantes. Na *Conquista espiritual*, esses assuntos são retomados. Os relatos e tudo o que foi testemunhado durante 25 anos em meio aos indígenas são os caminhos por onde Montoya transita para narrar à história da Companhia de Jesus nas províncias do Paraná, Paraguay, Uruguay e Tape. As primeiras *reducciones* ganham a sua história de sucessos e fracassos: existe a beleza do ambiente *selvático*; as descrições breves dos hábitos indígenas; os martírios de cinco jesuítas; o medo e o terror causado pelas invasões dos bandeirantes; em meio a uma luta permanente pela liberdade indígena.

No *Sílex* a beleza da selva é abundante, o Guayra ressurge para ser novamente o cenário por onde Montoya transita. Ele não é mais o jovem de 27 anos, que lá chegou e que aos 52 anos (re)escreve a *Conquista espiritual* em meio as discussões na corte de Madrid sobre o armamento indígena. Agora é um velho missionário de 63 anos, passando os ensinamentos sobre oração ao seu jovem aprendiz. A mística e os métodos de oração vêm dos anos em que foi missionário em solo *guayreño*, pois, um indígena o ensinou a sentir a presença Deus permanentemente ao seu lado. Afinal, eram eles os

señores de la palabra, sendo *Guaranis* ou *Gualachos* sabiam dar as definições mais belas sobre Deus e sobre a criação divina.

Se a linguística dos *Gualachos* se perdeu junto a sua gramática, a dos *Guaranis* ganhou luz em catecismos, gramáticas e dicionários. *Tesoro; Arte, y Bocabulario* e *Catecismo de la lengua guarani* demonstram o aprendizado linguístico e a arguta percepção das pequenas mudanças idiomáticas de cada tribo pertencente ao mesmo tronco linguístico. A *Apología* defende a doutrina cristã, como diz em seu título, das acusações de heresia vindas do bispo de Assumpción, D. Bernardino Cárdenas. Jesuítas e franciscanos são defendidos por Montoya neste debate teológico sobre a tradução do catecismo para a língua indígena. Nesta produção bibliográfica *montoyana* ainda faria parte um livro intitulado *Sermones de las Dominicas del año, y Fiestas de los Indios*, que interligaria diretamente a *Conquista* com os livros de linguística ao tratar das festas nas *reducciones* e de como os sermões eram elaborados em língua nativa. Infelizmente, este livro encontra-se desaparecido, restando apenas referências sobre a sua existência (SOMMERVOGEL, 1896, p. 323).

Antonio Ruiz de Montoya fez com que a sua escrita fosse toda voltada a demonstrar o aprendizado obtido ao conviver com estas pessoas. Fossem padres, *encomenderos*, bandeirantes, índios, membros do Conselho das Índias ou o próprio rei Felipe IV, para ele, estes homens foram os motivadores e incentivadores do seu crescimento pessoal e intelectual, além de auxiliarem no aprendizado do cultivo da ascese e da mística cristã. Segundo Bartomeu Melià, Montoya foi um *aprendiz de conceptismo*⁵, na *Conquista espiritual*, criando o seu próprio estilo de ser e escrever como um jesuíta. Sabendo jogar com as palavras e fazer com que elas explicitassem bem o seu pensamento místico no *Sílex*, ou em meio a uma defesa apaixonada na polêmica sobre os catecismos tratada na *Apología*. Assim como Heródoto, Antonio Ruiz de Montoya narrou a história através das suas observações pessoais e daquilo que lhe foi contado (o que viu e ouviu), fazendo com que suas ideias, em frases mordazes, acertassem diretamente o alvo com a perícia de um *bom espadachim* (MELIÀ, 2008, p. 396).

⁵ O *Conceptismo* foi uma tendência da literatura barroca, no século XVII. Tinha como suas principais características o jogo de palavras e conceitos, através do uso do raciocínio lógico, racionalista e a utilização de uma retórica elaborada. Para tanto, os autores, místicos e devotos, que se utilizaram deste estilo de escrita recorriam a um conjunto de artifícios estilísticos com metáforas, comparações, hipérbolos, sínédoques, que conduziram o leitor a acompanhar a conceitualidade que obscureceria o seu conteúdo (FILLLOL, 1865, pp.398-401; SISMONDI, 1842, pp. 392-393).

A última forma de escrita *montoyana*, que podemos chamar de *linguística catequético-apologética*, se subdivide em quatro partes: *dicionarização*⁶ (*Tesoro de la lengva gvarani*); *gramatização* (*Arte, y Bocabvlario*); catequese bilíngue (*Catecismo de la lengva guaraní*); e, discurso apologético em sua defesa dos catecismos e suas traduções para o Guaraní (*Apología en defensa de la doctrina christiana*), Antonio Ruiz de Montoya descobriu uma forma de defender e preservar o *seu povo* de um genocídio étnico e cultural completo (CHAMORRO, 2007, p. 259). Iniciando pelo dicionário e pela gramática, *Tesoro de la lengva gvarani* e *Arte y Bocabvlario de la lengva gvarani*, as duas obras linguísticas de Antonio Ruiz de Montoya foram resultado de um intenso trabalho de aprendizado da língua indígena, iniciado antes de sua chegada as *reducciones* do Paraguai. Durante os dois anos em que ficou esperando para ser enviado em missão, se dedicou ao estudo dos trabalhos dos padres Diego González de Holguín, Francisco de San Martín e frei Luis Bolaños, onde haviam regras básicas de teoria, normas e regras gramaticais⁷. Posteriormente, sendo um ouvinte e observador arguto, percebeu as múltiplas variações da língua indígena, suas diferenças e particularidades. Utilizou o domínio adquirido com a prática cotidiana para usar o *dom da palavra* para obter o esperado êxito para a conversão dos indígenas (MASSIMI e FREITAS, 2007, p. 113) e a mudança dos hábitos que eram considerados condenáveis.

Ambas foram resultado de um meticuloso trabalho e paciência, iniciado em cerca da década de 1610 no Guayrá. O início da escrita e composição de *Arte y Bocabvlario* foi referido pelo padre Pedro de Oñate na sua carta ânua de 1616. No ano seguinte, Montoya enviou uma carta ao provincial Pedro de Oñate relatando o seu esforço para a escritura de uma gramática em Guaraní (AGUILAR, 2002, pp. 355-356). A impressão do catecismo breve, vocabulário e gramática na língua Guaraní escritos por Montoya, foi deliberada na III Congregação Provincial (1620), como forma de facilitar o aprendizado na língua indígena (HERNANDEZ, 1912, p. 77). Em carta ânua de 1628, Antonio Ruiz de Montoya cita o seu procedimento de aprendizado da língua indígena ao

⁶ Termo *dicionarização* utilizado por Adone Agnolin (2007).

⁷ No ano de 1576, em Lima, a Companhia de Jesus debateu na Primeira Congregação Provincial a questão do uso de catecismos, gramáticas e vocabulários nas línguas indígenas do Peru (aymara e quechua). Entre os anos de 1582-1583, o Terceiro Concílio de Lima estabeleceu as normas necessárias para o exame doutrinal e linguístico dos curas. Estas questões debatidas na América, já estavam sendo debatidas na Europa, desde os anos de 1567 e 1568, quando a Igreja ordenou o aprendizado das línguas estrangeiras (YBOT LEÓN, 1954, pp. 535-537). A importância do aprendizado da língua indígena começou a ser debatido na segunda metade do século XVI pelos jesuítas. A aplicação prática das línguas estrangeiras para a conversão, já estava presente nas *Constituições*, como “línguas do apostolado” que não fazem parte das línguas da Sagrada Escritura (CONSTITUIÇÕES, 1997, §449)

se tornar *aluno* de um índio natural do rio Paranapanema, compondo com esta ajuda um breve catecismo, um confessionário e, depois, fez uma arte curta (AGUILAR, 2002, p. 356). Nesta mesma carta consta que foi Montoya quem incentivou o padre Espinosa a se tornar aprendiz deste indígena que falava a língua dos *Gualachos* (MCA I, 1951, pp. 293-296).

O Padre Geral Muzio Vitteleschi deu a autorização para que os livros fossem impressos em Lima, contudo, a impressão não ocorreu. Durante a V Congregação Provincial (1632), novamente o assunto da impressão voltou a pauta dos debates, sendo defendida a criação de uma tipografia no Paraguay. O problema começou a ser resolvido, quando Montoya foi eleito procurador na VI Congregação Provincial (1637). O missionário demonstrou um enorme interesse e dedicação à empresa (HERNANDEZ, 1912, p. 78) de ensinar e pregar, após aprender a língua indígena.

O aprendizado para a utilização do idioma indígena na atividade missionária foi a melhor forma de aproximação e salvação do próximo, através da conversão. Antonio Ruiz de Montoya, com sua experiência de quase 30 anos entre os indígenas, teve tempo para compor, sistematizar gramaticalmente e publicar as suas duas obras linguísticas: *Tesoro* e de *Arte y Bocabulario de la lengua guarani*. Mais do que um incansável apóstolo entre os indígenas, Montoya se imbuíu dos ensinamentos de Francisco Javier, indo mais além pela sua ascendência *criolla*, ao incorporar alguns aspectos da cultura indígena e perceber este como o “seu povo”. Esta inserção na cultura do *outro* fez com que aflorasse o seu carisma como missionário e obtivesse um crescimento místico, que modificou toda a sua atividade cotidiana como jesuíta (AGUILAR, 2002, p. 357).

A catequese bilíngue do *Catecismo de la lengua guarani* foi amplamente utilizado pelos missionários na Província Jesuítica do Paraguay, o que acarretou em um conflito entre os jesuítas com o bispo de Assumpción, frei Bernardino de Cárdenas. Para defender a Companhia de Jesus *paraguayense* das acusações da utilização de um catecismo herético, Antonio Ruiz de Montoya escreveu a *Apología en defensa de la doctrina christiana*. Neste livro apologético aos trabalhos e elaboração dos catecismos por franciscanos e jesuítas, Montoya defende as traduções feitas em seu dicionário hispanho-Guarani (*Tesoro*) e, principalmente, o catecismo escrito pelo frei Luis Bolaños. É uma defesa vigorosa, firmada em 8 de setembro de 1651, onde responde a um *libelo anônimo*, escrito por Agustín de Carmona. A resposta dada por Montoya demonstra que a erudição adquirida nos anos em que viveu em Madrid, o possibilitou

fundamentar seus argumentos em filósofos e poetas; na Bíblia; além de algumas alusões aos reis da Espanha (Felipe III e Felipe IV) e às bulas papais (AGUILAR, 2002, pp. 369-370).

Tanto no *Catecismo* quanto na *Apología*, podemos observar a preocupação que Montoya tinha em transmitir os conteúdos da fé cristã, de forma compreensível e acessível às percepções indígenas, além de defender os trabalhos de seus companheiros de missão (franciscanos ou jesuítas) e o trabalho da Igreja em traduzir a *Boa Nova* para a língua dos gentios.

Considerações finais

O universo *montoyano* é rico em imagens, sons e cores. A variedade da selva *paraguayense* com o voo das aves, serpentes comendo peixinhos indefesos, girassóis são fontes inesgotáveis de símbolos. Neste maravilhoso mundo criado por Deus, Antonio Ruiz de Montoya se dedicou a observar o comportamento das abelhas, larvas e pulgas. O corpo humano é observado e transformado em palavra e silêncio, pela sua complexidade e consistência contrastada. Há também menções aos métodos de navegação da época, com a utilização de bússolas, velas e os astros. Ensinaria a utilidade de uma luneta para a supressão das distâncias; dando algumas lições de astronomia (medidas do centro até a superfície da Terra, localização de cada planeta através do sistema da Grécia antiga).

Esta variedade, oriunda de uma observação atenta e memória fiel aos fatos transcorridos em diferentes regiões e mares, transparece em suas obras como forma de lutar contra as injustiças do mundo colonial (ROUILLON ARRÓSPIDE, 1991, pp. LXVI- LXVIII). Nos documentos e livros percebemos a erudição adquirida por Ruiz de Montoya, ao longo dos anos, e como este crescimento influenciou na sua escrita. Três formas de escrita se convergem: os relatos nas cartas e *relaciones*, a narrativa da *Conquista* e o misticismo do *Sílex*.

Montoya era muito direto nas suas cartas e *relaciones*, não medindo palavras para descrever determinadas situações ou denominações que lhe eram apresentadas. No entanto, a insistência de transformar estes relatos em um livro acerca da história *heroica* da Ordem de Santo Ignacio na Província Jesuítica do Paraguai, fez com que este *corto estilo* quase *rústico*, presente até então na sua escrita, foi refinado. Na *Conquista* notamos o esforço e a aplicação em melhorar o seu estilo. Para tanto, procurou na

literatura espanhola, autores que o “ajudassem” a escrever. As frases antes concisas passam a ter uma força impactante em volteios idiomáticos.

Todavia, a diferença maior entre as formas de escrita histórico-literária *montoyana*, transparece quando observamos os mesmos assuntos tratados na *Coqvista* sendo retomados no *Sílex*. Se na *Conqvista* a escrita deveria agradar aos Superiores, no *Sílex* a exigência passou a ser interior, a escrita foi de um tom mais informal para uma forma mais séria, intensa e profunda. Ao tratar da presença de Deus, as palavras faltam, pois as palavras não obedecem àquele que escreve. Essa mudança de tema e a distância entre os anos de escrita de cada um faz com que as diferenças sejam vertiginosas em versões de um mesmo caso (ROUILLON ARRÓSPIDE, 1991, pp. LXXV-LXXVIII). Os toques de ironia e os paradoxos continuaram, contudo, foram perdendo a sua frequência dentro das frases.

Referências

- AGUILAR, Jurandir Coronado. *Conquista Espiritual: A História da Evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S.I. (1585-1652)*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, 2002.
- AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e Selvagens: A Negociação da Fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (séc. XVI-XVII)*. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007.
- CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620*. Bauru/SP: Edusc, 2006.
- CHAMORRO, Graciela. Antonio Ruiz de Montoya: promotor y defensor de lenguas y pueblos indígenas. *História Unisinos*, v. 11, n.2, pp. 252-260, maio/agosto de 2007.
- CONSTITUIÇÕES da Companhia de Jesus e Normas Complementares. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- CORTESÃO, Jaime. *Manuscritos da Coleção de Angelis I: Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.
- DE ANGELIS, Bernardo (org). *Epistolæ præpositorum generalium ad patres et fratres Societatis Jesu*. Antverpiæ, 1635.
- FILLOL, José V. *Sumario de las lecciones de un curso de literatura general*. Tomo II. Valencia: Imprenta de La Opinion, á cargo de José Domenech, 1865.
- FURLONG, Guillermo. *Misiones y sus pueblos guaraníes*. Buenos Aires: Imprenta Balmes, 1962.
- GADELHA, Regina Maria d'Aquino Fonseca. Montoya e as relações de produção nas

missões. *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários - Montoya e as reduções num tempo de fronteiras*. Santa Rosa: Fac. Filos. Ciências e Letras Dom Bosco, 1985, pp. 119-131.

GÁLVEZ, Lucía. *Guaraníes y jesuítas: De la Tierra sin Mal al Paraíso*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995.

GASBARRO, Nicola. Missões: a civilização cristã em ação. In: MONTERO, Paula. *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006, pp. 67-110.

HERNANDEZ, Pablo. Un jesuita misionario del Paraguay e no Tribunal de Felipe IV, *Razón y Fe*, nº 33, pp. 71-91; 215-222, 1912.

JAEGER, Luís Gonzaga. La Compañía de Jesús en el antiguo Guairá (1585-1631). Localización de sus trece reducciones. *Pesquisas – Anuário do Instituto Anchieta de Pesquisas*, volume 1, pp. 93-180, 1957.

JARQUE, Francisco. *Ruiz de Montoya en Indias (1608-1652) [1662]*. Madrid: editado por Victoriano Suárez, 1900. 4 volumes.

KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

MAEDER, Ernesto J.A.; GUTIÉRREZ, Ramón. *Atlas territorial y urbano de las misiones jesuíticas de guaraníes*. Argentina, Paraguay y Brasil. Sevilla: Consejería de Cultura, 2009.

MASSIMI, Maria; FREITAS, Geisa Rodrigues de. Acomodação retórica e adaptação psicológica na pregação popular dos jesuítas na Terra de Santa Cruz. *Mnemosine*, v.3, nº1, pp. 111-135, 2007.

MELIÀ, Bartomeu. La Apología de Montoya lingüística, etnologia e historia. In: RUIZ DE MONTOYA, Antonio. *Apología en defensa de la doctrina cristiana que en la lengua guaraní tradujo el venerable padre fray Luís de Bolaños de la familia franciscana por el mismo Antonio Ruiz de Montoya (1651)*. Asunción: Fondec/CEPAG, 2008, pp. 391-404.

MELIÀ LITTERES, Bartomeu. Génesis del Guaraní jesuítico del Guairá. *Anais do Seminário Internacional Indígenas, Missionários e Espanhóis: O Paraná no Contexto da Bacia do Prata. Séculos XVI e XVII*. Curitiba, PR: Secretaria do Estado da Cultura, 2010, pp. 47-77.

RABUSKE, Arthur. Antônio Ruiz de Montoya: vida e obra em geral. *Anais do VI Simpósio Nacional de Estudos Missionários - Montoya e as reduções num tempo de fronteiras*. Santa Rosa: Fac. Filos. Ciências e Letras Dom Bosco, 1985, pp. 43-56.

ROCHA POMBO, João Francisco. *História do Brasil*. 9ª Ed. (Revista e atualizada por Hélio Vianna). São Paulo: Edições Melhoramentos, 1960.

ROUILLON ARRÓSPIDE, José Luis. Introducción. In: RUIZ DE MONTOYA, Antonio. *Sílex del Divino Amor (1648 c.)*. Lima, Perú: Pontificia Universidad Católica del Perú/Fondo Editorial, 1991, pp. XIX-XCIII.

ROUILLON ARRÓSPIDE, José Luis. *Vida de Antonio Ruiz de Montoya*. Lima: Escuela Superior de Pedagogia, Filosofia y Letras Antonio R. de Montoya, 2001.

RUIZ DE MONTOYA, Antonio. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesus, en las Prouincias del Paraguay, Parana, Vruguay y Tape*. Madrid: Imprenta del Reyno, 1639.

SISMONDI, Jean Charles Leonard Simonde de. *História de la Literatura Española*. Tomo Segundo. Sevilla: Imprenta de Alvarez y Compañía, 1842.

SOMMERVOGEL, Carlos. *Bibliothèque de La Compagnie de Jésus*. Première Partie: bibliographie. Tome VII. Bruxelles: Oscar Schepens, 1896, pp. 320-323.

TORMO SANZ, Leandro; ROMÁN BLANCO, Ricardo. *Montoya y su lucha por la libertad de los índios: Batalla de Mbororé*. São Paulo: Eveloart, 1989.

YBOT LEÓN, Antonio. *La Iglesia y los eclesiasticos españoles en la empresa de Indias*. (Volume I). Barcelona: Salvat, 1954.